

SÔBRE ANDRÉ GIDE E O GÊNIO FRANCÊS

A corrupção do génio francês a poucos espíritos oferecerá hoje um espectáculo tão emocionante, como ao nosso. Vítimas que temos sido da sua, por vezes, pernicioso influência — por vezes pernicioso e sempre absurda — experimentamos uma espécie de volúpia, vendo debater-se contra a sua limitação um próprio grande espírito francês.

E' de André Gide que se fala. Chegado à intimidade de Dostoievski, portador duma personalidade inquieta, perversa, labirintica, sentiu-se completamente desorientado. Outro qualquer destituído duma inteligência tão especialmente dotada para compreender a inquietação, a preversidade, e para se conduzir em labirintos, haveria sossobrado. Mas Gide, não. Gide utilizou essa inteligência, no restabelecimento da sua ordem. Compreendeu, como ninguém ainda compreendera, e como poucos compreenderão talvez, a personalidade do escritor russo, e, simultaneamente, sentiu que jámais poderia atingi-lo. Ora foi na semi-consciência desta incapacidade, como na atracção do seu espírito pelo de Dostoievski, que se gerou a sua obra literária. E porque não pôde, então, André Gide ser um Dostoievski? Naturalmente porque nem tudo se pode assimilar na personalidade dum escritor. Poder-se há conseguir um certo grau de afinidades, que mais será de «pastiches»; perfeita identidade, nunca. E o que o autor de *Les caves du Vatican* não pôde assimilar de Dostoievski, foi o seu génio, a natureza diferente da sua individualidade. Porque sendo russo este autor, e Gide francês, o génio dum será profundo, (no sentido de manifestar-se em profundidade), sério, complicado, inconsequente, *tenebroso*; e o do outro superficial (no sentido de manifestar-se em superfície), ligeiro, fácil, consequente, claro. De maneira que, possuindo embora qualidades individuais afins, o desencontro dos génios origina-lhes

o desencontro das personalidades. Dostoievski é naturalmente profundo, sério, complicado, inconsequente, *tenebroso*; Gide é-o artificialmente. Ainda que no íntimo da sua alma haja profundidade, complicação, seriedade, de maneira natural, isto é, de modo valioso, elle não se pode revelar profundo, complicado e sério, pelo menos tão profundo, tão complicado, e tão sério, como o autor do *Idiota*. A isso se opõem a superficialidade e a clareza do seu génio. E André Gide tem a consciência duma tal opposição. E se a não tem já duma maneira directa, tem-na, pelo menos, duma forma indirecta: através de Racine, de Molière, de Corneille, de Balzac, do próprio Stendhal, a quem aponta a estilisação dos personagens, e a redução de todos os seus extractos humanos a um extracto exterior, convencional, luminoso e simples. Ora é precisamente a consciência que a sua inteligência critica lhe proporciona da limitação dos escritores franceses e do génio francês, que o leva a querer libertar-se da própria limitação. Há aqui um parentese a abrir afim de aclarar o nosso raciocínio. Quando falamos em génio francês, enumeramos umas certas características, que parecem não poder deixar de se aplicar, desde que se trata dum escritor ou duma personalidade francesa. Não é, contudo, exactamente assim; não só porque toda a regra pode ter uma excepção; mas também porque caracterisando-se este génio (palavra que se liga, principalmente, às faculdades intuitivas, naturais, espontâneas) pelo predomínio (natural, espontâneo) da inteligência sobre quaisquer outras faculdades, nós enunciando-lhe características, enunciamo-las sobretudo da inteligência francesa. De modo que o aparecimento duma individualidade, como a de Gide, senhora de qualidades até certo ponto contrárias às do génio francês, não implica a inexactidão das características apontadas, pois, embora ela se apresente com essas qualidades não-francesas, o predomínio francês da inteligência sobre elas constangê-las há a adquirirem, desde que exteriorisadas, a fisionomia comum a

todas. E é por isso que ao escritor de *La porte étroite* é possível ter uma complexidade pessoal tanto ou mais rica do que a do escritor de *O eterno marido*; o que lhe não é possível é ter a mesma revelação intuitiva dessa complexidade.

Mas haverá, de facto, só diferenças de inteligência entre Dostoiévski e Gide? Ou existirá qualquer diferenciação mais profunda e mais essencial? Porque se, entre os dois espíritos em questão, unicamente houvesse uma diferença intelectual, Gide podia ser tão grande criador como Dostoiévski. E sê-lo há? Parece-nos que não. Dissemos que o escritor francês é artificialmente o que o russo era naturalmente. Ora se ele precisa de ser alguma coisa pela vontade, é porque o não pode ser pela intuição. E logo, portanto, à sua personalidade falta qualquer coisa que há na de Dostoiévski. Até que chegamos, de conclusão em conclusão, onde queríamos: Gide não é Dostoiévski. Gide é Gide: e o que o força a ser, enquanto é ele próprio, mais pequeno do que o autor de *A voz subterrânea*, não é apenas a sua qualidade de francês, mas a deficiência dos seus dons naturais. Dostoiévski tem uma riqueza de personalidade e uma complexidade natural dificilmente atingíveis. Riqueza e complexidade de que se utiliza de forma directa, isto é, de que se serve espontânea e intuitivamente. Em última análise, Dostoiévski é um criador; ao passo que Gide quasi nunca deixa de ser um crítico. Ora entre um criador e um crítico existe uma diferença tão sensível que nos dispensamos de a revelar.

Se nos prendemos tanto com este aspecto da personalidade de André Gide, e se ligamos uma tão grande importância à influência que sobre ele exerceu o escritor russo, é porque nós inclinamos a crer que, sem ela, o autor de *L'immoraliste* nos não haveria dado a obra que, de facto, deu. Gide haveria sido o que o seu Dostoiévski, os seus *Prétextes* e *Nouveaux Prétextes* revelam — um grande, um profundo, um subtil, um excepcionalíssimo crítico. De resto, como criador, não haveria nunca passado de escrever... *Paludes*. Porque este livro admirável evidencia, terrivelmente, a luta dum espírito empenhado em criar uma obra sem que, na realidade, contenha possibilidades criadoras. Nêle exhibe Gide, duma forma patética, o drama da sua personalidade artística — ou a tragédia da sua inteligência artística.

Também Wilde exerceu sobre o autor de *Si le grain ne meurt* uma influência notável, naturalmente não só pelo parentesco das sensibilidades e de certos gostos pessoais, mas também pelo seu feitu estético, pela inclinação da sua inteligência paradoxal, pelo seu culto das formas e, talvez mesmo, pelo drama perturbador da sua vida. Na personalidade e na obra de Gide, este encontro de Wilde com Dostoiévski deixou um residuo estranho, uma das suas mais poderosas faculdades de fascinação.

Parece, pelo que temos dito, ser a personalidade de André Gide um quasi nada ao pé das suas influências. Ora é bom que tal não se infira das nossas considerações. A influência que ele próprio exerce sobre a mocidade francesa, bem como sobre a de toda a Europa, atesta a existência nêle dalguma coisa não importada — original. Gide é, na

verdade, um laboratório em que as mais altas influências se combinam; mas um laboratório em que o preparador domina. Muitas das qualidades que as suas obras revelam partem dêle e têm fisionomia original, incorruptível. Ser em que as mais diversas e mais perigosas tendências preponderam, constantemente o surpreendemos justificando-se — ou da sua perversidade com o seu fundo puritano, ou do seu fundo puritano com a sua perversidade. Sempre dominado pela inteligência critica (livre exame) e pela inclinação religiosa (protestantismo), com frequência o vemos interpolando as passagens mais obscuras dos *Evangelhos* com interpretações subtis e blasfematórias; sendo esta «inversion démoniaque qu'il tente d'operer sur la parole évangélique» diz Henri Massis, o centro «mysterieux de la pensée de Gide». No autor de *Les nourritures terrestres*, escreve ainda o mesmo critico, há mais tendências metafísicas do que psicológicas. Para mostrar objectivamente caracteres e pormenores psicológicos, Proust; Gide não mostra: demonstra. O que lhe interessa são os móveis, as razões metafísicas, os principios morais, sobretudo porque a sua educação protestante lhe deixou uma implacável consciência para as suas tendências amorais. O que ele constantemente procura, não é mais do que achar principios genéricos fecundos em resultados salvadores para os seus particularismos diabólicos. Donde a sua extraordinária influência nos môços; influência tanto mais profunda quanto é certo que para eles se debruça a todo o momento. E' principalmente em obras como *Les caves du Vatican*, onde Lafcadio encarna o espirito terrivelmente livre de Raskolnikoff, e como *Les faux monnayeurs*, romance que ficará na história da literatura como um dos documentos mais completos do século XX, — que ele desenvolve essa aptidão desmoralizadora. Para o que lança mão de todos os seus dotes sedutores: da sua inteligência paradoxal, do seu espirito dialéctico, da sua sensibilidade complicada, da sua sentimentalidade astuciosa, da sua delicadeza envenenadora e até do seu estilo. Estilo tão perigosamente multiforme que ora parecerá banal, ora fará crer que é *snob*, ora, de tão perfeito, se mostrará clássico.

Mas basta. O intuito que nos levou a escrever estas considerações não foi o de realizar um estudo critico completo sobre André Gide; mas o de pôr em evidência certas características da sua personalidade, bem como o de marcar o papel que desempenha na literatura francesa contemporânea. Gide é dos poucos escritores franceses conscientes da limitação do génio francês. Ora um tal acontecimento tem para nós grande importância, dado que possuindo um génio caracterisadamente distinto do seu e, por isso, menos limitado talvez, nos temos submetido, desde há muito, a tirania da sua limitação. Em André Gide não admiramos, por conseguinte, o que é francês; mas o que se esforça por não sê-lo. Admiramos-lhe o que admiramos em Marcel Proust e o que não admiramos em Paul Valéry: o desvio da sua personalidade da chamada *tradição francesa*; a sua fuga para os domínios do sub-consciente, para as regiões do obscuro, do tenebroso, ou como ele próprio diria — a sua incurção nos domínios dos raios *ultra-violeta*.